

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 11, número 2 (2020)  
ISSN: 2177-2886

Artigo

## Violência Doméstica e Masculinidades: Uma Análise Geográfica

*Violencia Doméstica y Masculinidades: Un Análisis  
Geográfico*

*Domestic Violence and Masculinity: A Geographical  
Analysis*

**Dimas Diego Gontarek**

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil  
gontarek.dimas@gmail.com

**Joseli Maria Silva**

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil  
joseli.genero@gmail.com

Como citar este artigo:

GONTAREK, Dimas Diego; SILVA, Joseli Maria. Violência Doméstica e Masculinidades: Uma Análise Geográfica. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 2, p. 188-207, 2020. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# Violência Doméstica e Masculinidades: Uma Análise Geográfica

*Violencia Doméstica y Masculinidades: Un Análisis Geográfico*

*Domestic Violence and Masculinity: A Geographical Analysis*

## Resumo

Este artigo analisa os diferentes significados de gênero construídos por homens envolvidos em violência doméstica na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Para cumprir tal intento foi realizada uma dinâmica com um grupo de dezenove homens condenados por violência doméstica que são obrigados, como parte de sua pena, a realizar um curso de reflexão sobre atos, valores e ideias que são geradores da violência contra as mulheres na Organização Não Governamental ‘Melhor Viver’. Com autorização judicial e apoio de um profissional da área de psicologia foi realizada uma dinâmica de grupo focal, inspirada na ideia de Selltiz *et al.* (1987), em que foram discutidas, classificadas e registradas as representações de masculinidade, feminilidade, família e espaço doméstico. A pesquisa evidenciou a permanência de valores tradicionais de gênero em que são enaltecidos os homens como provedores de suas famílias e trabalhadores, enquanto as mulheres retratadas como desejáveis são aquelas que cumprem o acolhimento e a maternidade.

Palavras-Chave: Gênero; Masculinidades; Violência Doméstica; Geografia.

## Resumen

Este artículo analiza los diferentes significados de género construidos por hombres involucrados en actos de violencia doméstica en la ciudad de Ponta Grossa, Paraná. Para ello, fue realizada una dinámica con un grupo de diecinueve hombres condenados por violencia doméstica y que son obligados, como parte de su pena, a realizar un curso de reflexión sobre actos, valores e ideas que son generadoras de la violencia contra mujeres, curso que es organizado por la Organización No Gubernamental ‘Melhor Viver’. Con la debida autorización judicial y el apoyo de un profesional del área de psicología, fue realizada una dinámica de grupo focal inspirada en la idea de Selltiz *et al.* (1987), en la cual fueron discutidas, clasificadas y registradas las representaciones de masculinidad, feminidad, familia y espacio doméstico. La investigación evidenció la permanencia de valores tradicionales de género en que son enaltecidos los hombres que sustentan a sus familias y trabajadores; mientras que las mujeres que son retratadas como deseables, son aquellas que acogen a los hombres y disfrutan la maternidad.

Palabras-Clave: Género; Masculinidades; Violencia Doméstica; Geografía.

## Abstract

This paper analyzes the different meanings given to gender by men involved in domestic violence in the municipality of Ponta Grossa, Paraná, Brazil. To reach this objective, a group dynamics was carried out with nineteen men convicted of domestic violence, whose sentence includes taking part in a course organized by the non-governmental organization ‘Melhor Viver’ (Better Living), where they must reflect upon acts, values and ideas that generate

Dimas Diego Gontarek, Joseli Maria Silva



violence against women. With legal authorization and the support of a professional in the psychology area, a focus group dynamics was developed, inspired in the idea put forward by Seltiz *et al.* (1987), in which the representations of masculinity, femininity, family and domestic spaces were discussed, classified and recorded. The research evidenced the permanence of traditional gender values that praise men as workers and family providers, and portray desirable women as those that fulfil the role of welcoming and maternity.

Keywords: Gender; Masculinities; Domestic Violence; Geography.

### **Introdução**

Esse artigo explora os diferentes significados de gênero constituídos por homens sentenciados por violência doméstica em Ponta Grossa - Paraná. A violência doméstica é um fenômeno que tem crescido em termos de visibilidade social e é objeto de debate em inúmeras áreas da ciência. Na geografia, contudo, o interesse por este tema tem pouca expressão, com exceção do pioneirismo da abordagem de Lan (2011). Em uma exploração realizada com as palavras-chave ‘violência doméstica’, ‘violência de gênero’ e ‘feminicídio’ na área de conhecimento da geografia no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>1</sup> foram encontrados apenas quinze trabalhos. A análise dessa produção evidenciou que a maior parte dos trabalhos que foram resgatados com esta busca documental se tratava de estudos sobre violência urbana, conflitos agrários, percepção em relação ao espaço carcerário, tráfico de drogas, fragmentação socioespacial, entre outros. Ou seja, o tema ‘violência’ na geografia versa sobre escalas mais amplas do que aquela que acontece majoritariamente na escala doméstica. No total foram encontradas sete dissertações de mestrado, uma que aborda o feminicídio e outras seis a violência doméstica, sendo todas elas publicadas após 2010, o que evidencia ser um tema de recente interesse científico na área.

Para complementar a busca desse tipo de abordagem na área da geografia foi realizado outro levantamento na produção de artigos científicos no Observatório da Geografia Brasileira (OGB), mantido pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Do total 22.332 artigos oriundos de 97 revistas on-line da área de geografia que cobre um período de 1974 a 2018 foram encontrados 214 artigos com a utilização das palavras-chave ‘feminicídio’, ‘agressão’ e ‘violência’. Entretanto, apenas quinze artigos debatiam especificamente o tema de violência doméstica, sendo também produções recentes, das primeiras décadas do século XXI. Portanto, o estudo que apresentamos neste artigo cumpre uma lacuna investigativa importante na área de geografia e colabora para o aprofundamento da discussão da relação entre espaço e violência contra mulher.

Os dados disponibilizados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontam que 27,4% das mulheres brasileiras já sofreram algum tipo de violência no último ano. Entre esses casos, 76,4% dos agressores eram alguém com relação próxima da vítima, sendo que em 39% dos casos eram

<sup>1</sup> Disponível em < <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>> Acessado no dia 16/12/2019.

companheiros ou ex-companheiros, parceiros íntimos da mulher agredida (FBSP, 2019). A existência da proximidade entre a vítima e o autor da violência doméstica colabora para o silenciamento por parte da mulher violada ou de seu entorno familiar, em 53% dos casos.

Em Ponta Grossa, entre 2014 e agosto de 2019, ocorreu a abertura de 3.835 inquéritos policiais, entre eles, 547 casos em flagrante e 2.826 solicitações de medidas protetivas, conforme informações disponibilizadas pelo Juizado de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher da Comarca de Ponta Grossa. Isso significa que esta cidade, utilizada como recorte espacial, tem semelhança com o comportamento da violência que ocorre no país. Estima-se que o ano de 2018 terminou com 1080 aberturas de medidas protetivas na cidade de Ponta Grossa, tendo um aumento de 277% desde a criação da Vara Especializada, em 2014. Em relação ao perfil das mulheres solicitantes desta medida, 27% declararam ter entre 26 e 35 anos de idade; 35% possuem um único filho e em 40% dos casos denunciaram ter sofrido mais de um tipo de violência, citada com maior peso a violência psicológica (38%) e a violência física (17%).

Um levantamento feito em 256 inquéritos relativos à violência física na Vara de Violência Doméstica e Familiar, distribuídos entre os anos de 2014 e 2018, apontaram que o perfil dos autores de violência em Ponta Grossa são majoritariamente homens (97% dos casos) e em grande parte possuem relação íntima com a vítima. 82% desses autores eram namorados, cônjuges ou ex-cônjuges das vítimas no momento das agressões, uma característica também comum ao que acontece no país. Um dos componentes fundamentais do conflito entre casais heterossexuais é a ideia de gênero e as expectativas de valores morais que a compõem, bem como as frustrações que ocorrem na vivência cotidiana. As masculinidades construídas por homens condenados por violência doméstica possuem traços específicos a serem analisados a fim de construir as políticas públicas que minimizem este fenômeno no país.

Assim, para cumprir o objetivo traçado para este artigo foi realizada uma dinâmica com um grupo de dezenove homens condenados por violência doméstica que são obrigados, como parte de sua pena, a realizar um curso de reflexão sobre atos, valores e ideias que são geradoras da violência contra as mulheres na Organização Não Governamental 'Melhor Viver'. O grupo que participou dessa atividade consentiu voluntariamente a colaborar, desde que não identificados. Embora haja uma grande diversidade interna em termos de situação econômica, ocupacional e de escolaridade entre os homens participantes do grupo, é possível afirmar que ele é composto majoritariamente por pessoas de baixos rendimentos, girando em torno de dois salários-mínimos mensais. A escolaridade também é baixa, pois 70% dos participantes não havia concluído o ensino médio. Reflexo disso, as ocupações também são de baixo grau de especialização.

Com autorização judicial e apoio de um profissional da área de psicologia foi realizada uma dinâmica de grupo focal, inspirada na ideia de Selltiz *et al.* (1987), em que foram discutidas, classificadas e registradas as representações de masculinidade, feminilidade, família e espaço doméstico. Inicialmente foi observada uma dificuldade desses homens falarem de seus crimes e por isso utilizamos o método de avaliação indireta para evitar desistências dos participantes. O método de avaliação indireta é utilizado quando o foco da



mostra detalhes do espaço vivido que é impossível salientar em macroescala. Pensar o espaço privado da família repercute em demonstrar condições espaciais não postas em uma escala geral, pois a família é concebida como constituída de uma ordem privada. Mas também é pública na medida em que é regida por normas jurídicas e de Estado, muito mais quando é base de um sistema social muito maior. (PRZYBYSZ, 2011, p. 27).

A geógrafa Linda McDowell (1999) critica a concepção de dicotomia entre o espaço público e privado, argumentando que a domesticidade, entendida como o cuidado familiar, depende de uma série de atividades e de produtos que envolvem o espaço público. Massey (1994) alega que as concepções sobre o espaço são importantes para influenciar a forma como nós agimos em relação a ele. A visão do espaço doméstico como isolado, invisível e desvalorizado está fortemente relacionada com a feminilidade, trazendo os elementos de gênero como importantes na sua configuração.

O espaço privado, doméstico é instituído de forma contundente pelas ideias hegemônicas de gênero e sexo. As pessoas interiorizam de forma naturalizada as ideias do que é ser homem e ser mulher e performam essas regras sem questionamentos. Enquanto no espaço público mulheres e homens são sujeitos de direitos e deveres iguais, garantidos pela constituição brasileira, o espaço doméstico permite relações de hierarquias entendidas como sendo da ordem natural das coisas.

O espaço da casa se estabelece em relações de corpos concretos, cujas anatomias que são designadas como femininas ou masculinas, recebem atribuições de valores diferentes. Viver implica o espaço e cada espaço cria também formas diferentes de se comportar e existir. Portanto, os afetos negativos ou positivos que são experienciados no espaço doméstico e ao mesmo tempo o constitui tem o gênero e o sexo como um ponto fundamental.

Butler (2018) argumenta que o mundo material se faz da ação humana como um efeito de repetição das normas e por sujeição às emoções e padrões hegemônicos naturalizados, como é o caso da família mononuclear, heterossexual, monogâmica que reina como idealizada na constituição do espaço doméstico. Certamente um espaço doméstico não pode ser concebido apenas para esse tipo de agrupamento, havendo inúmeros arranjos familiares que fogem desse modelo. Contudo, afirmamos que há um discurso hegemônico que constitui o espaço doméstico como o espaço da intimidade da família heteronormativa, promovendo uma certa estabilização de arranjos específicos de existência espacial.

O espaço doméstico não pode ser concebido como naturalizado como espaço da família heteronormativa, mas pensado a partir de uma matriz de poder que situa pessoas e afetos em diferentes posições hierarquizadas. É o espaço da casa que se pode perceber mais claramente a performance da cisheterossexualidade compulsória, bem como a estrutura hierárquica de gênero e gerações que instituem poderes simbólicos e materiais que pautam as relações entre os componentes familiares. Então, a casa nunca é um espaço acabado, mas pode ser estudado de inúmeras formas como argumentado por Alison Blunt e Robyn Dowling (2006). Se o espaço da casa pode representar uma perspectiva de abrigo, refúgio e segurança em contraposição ao espaço da

rua, para algumas pessoas, especialmente mulheres, o espaço doméstico pode ser perigoso, amedrontador, angustiante, possivelmente é também o espaço da exploração do trabalho e da perda de autoridade sobre seu corpo.

Geógrafas feministas como Rose (1993) e McDowell (1999) têm levantado críticas em torno da visão dominante da casa como algo positivo, de relaxamento e identificação e apontam que é no espaço doméstico que se manifesta a opressão e o aprofundamento das relações desiguais de gênero, revestidas pela aura do amor romântico. Outra crítica interessante é a de bell hooks (2015) um feminista negra que argumenta que a casa, apesar de ser um espaço de opressão para muitas mulheres negras, é nela também que se cria a resistência contra o racismo enfrentado fora de casa.

O espaço doméstico que costumamos chamar de casa não é uma forma material apenas:

(...) mas da coexistência simultânea de inter-relações sociais em todas as escalas geográficas, da intimidade da família ao amplo espaço das conexões trans globais, então o lugar também pode ser reconceitualizado. (...) As relações sociais sempre têm uma forma espacial e conteúdo espacial. Elas existem, necessariamente, tanto no espaço (ou seja, em uma relação locacional com outros fenômenos sociais) e através do espaço. E é a vasta complexidade das redes interligadas e articuladas de redes de relações sociais que é espaço social.<sup>3</sup> (MASSEY, 1994, p. 168, tradução nossa)

Então, entendemos o espaço doméstico como conexão multiescalar em que sujeitos sexuados e generificados formam um espaço singular da coexistência simultânea de inter-relações que desenvolvem práticas domésticas, embebidas em emoções, contato físico, intimidade, cuidado, conflitos e tensões que são negociadas nas rotinas das pessoas que constituem a materialidade específica do espaço que chamamos de casa.

Portanto, a casa também é um espaço complexo e político onde se negociam as relações cotidianas que estão pautadas por sujeitos generificados. O espaço doméstico possibilita o exercício de masculinidades que não são performadas no espaço público, como é o caso da violência doméstica. O poder masculino no espaço doméstico se estabelece de uma forma não regulada pelas instituições de segurança e justiça, mas fortemente sustentado pelos valores culturais da sociedade patriarcal. Michel Foucault (1988) afirma que o poder é exercido a partir de uma multiplicidade de relações de forças e estímulos que são constantemente alimentados, possibilitando posições sociais desiguais entre as pessoas. O poder masculino discutido por Bourdieu (2012) tem se sustentado pela reprodução constante da naturalização da ideia de superioridade dos homens e relação às mulheres e por sua apropriação de instituições políticas, culturais e econômicas constituindo o patriarcado. Para Silva (2009) o patriarcado é compreendido como:

3 (...) but of the simultaneous coexistence of social interrelations at all geographical scales, from the intimacy of the household to the wide space of transglobal connections, then place can be reconceptualized too. (...) Social relations always have a spatial form and spatial content. They exist, necessarily, both in space (i.e., in a locational relation to other social phenomena) and across space. And it is the vast complexity of the interlocking and articulating nets of social relations which is social space. (MASSEY, 1994, p. 168).

(...) um sistema de relações hierarquizadas no qual os seres humanos detêm poderes desiguais, com a supremacia da autoridade masculina sobre a feminina em diversos aspectos da vida social, abrangendo desde os sistemas econômicos e sistemas jurídico-institucionais até os regimes cotidianos do exercício da sexualidade (SILVA, 2009, p. 33)

As masculinidades estão em constante movimento temporal e espacial. Ser homem não se resume em um fato biológico e estático. Uma pessoa que nasce com pênis recebe toda uma gama de atribuições e expectativas de comportamentos e desejos determinados socialmente pela anatomia de sua genitália. O exercício do poder normativo sobre os corpos com pênis cria uma hegemonia do que a sociedade produziu como modelo masculino, envolvendo formas de masculinidades que variam e são elaboradas em conjunto a uma multiplicidade de fatores espaciais, econômicos, culturais, moldando sua vivência e maneira de se comportar no mundo. Portanto, a masculinidade não é algo que se tem, mas algo que é performado, segundo a perspectiva de Butler (2003).

Connel (1995) argumenta que apesar de haver um modelo hegemônico de masculinidade constituído através das relações fálicas do poder, o exercício da masculinidade não é alcançado por todos as pessoas que possuem a anatomia corporal que as enquadra como homens. A figura de masculinidade hegemônica é de um homem cisgênero, forte, branco, com alto poder aquisitivo, provedor de sua família. Entretanto, a elaboração deste ideal é constantemente tensionado nas relações com outros sujeitos que não se enquadram nessa perspectiva, criando a marginalidade de outras formas de masculinidades que não se encaixam no modelo vigente da sociedade ocidental.

Há uma série de geógrafas e geógrafos que evidenciaram o exercício de masculinidades não hegemônicas vivenciadas em diferentes espaços e tempos. Jackson (1991, 1994) estabelece uma série de críticas ao modelo hegemônico socialmente construído do ser homem, argumentando que ele é inatingível para a maioria das pessoas e que a busca pelo ideal causa sofrimento. Seu trabalho enfocando homens negros, mostra que não há uma única forma de masculinidade, mas uma pluralidade de ser homem em diferentes espaços. McDowell (2001, 2002, 2007) se pauta pela mesma ideia de pluralidade de masculinidades e evidencia as tensões de jovens homens das classes trabalhadoras que não conseguem corresponder ao modelo vigente diante das crises econômicas que vivenciam. As frustrações de vislumbrar o futuro acabam sedimentando o caminho para o exercício de masculinidades violentas organizadas em grupos delituosos nas cidades. Hopkins (2007) chama a atenção para grupos de jovens marginalizados que exercem suas masculinidades a partir de conjuntos de práticas e significados que envolvem condutas, valores e contextos situados, sendo impossível compreender o sentido de ser homem isolado dos grupos sociais de pertencimento identitário.

No Brasil os estudos da relação entre masculinidades e espaço também sustentam a ideia de que as masculinidades são múltiplas. Rossi (2010, 2011) argumenta que as masculinidades devem ser entendidas espacialmente e interseccionadas com a idade e a classe. Em outro trabalho, Rossi (2017)

afirma que as masculinidades também possuem diferenças internas mesmo quando se trata do mesmo grupo social, estudando o cotidiano do encarceramento masculino. Chimin Junior (2011) relaciona a constituição de masculinidades infracionais de adolescentes com as diferenças de vulnerabilidades sociais e econômicas distribuídas nas cidades, afirmando que há elementos sociais de exclusão que constituem trajetórias juvenis masculinas marginalizadas. Rocha (2013) também estuda masculinidades não hegemônicas constituídas especificamente no contexto do uso e do tráfico de drogas e Gomes (2013 e 2018) explora a constituição das masculinidades de homens jovens envolvidos em homicídios, tanto como vítimas como também autores de assassinatos nas áreas de periferias urbanas.

Nesse sentido, as masculinidades são múltiplas em permanente transformação, impossível de haver um modelo de ser homem que possa dar conta das infinitas possibilidades de configuração da relação entre masculinidades e espaço.

A violência perpetrada na escala da casa é incorporada na construção de masculinidades que são acionadas em momentos de conflito conjugal. Nem sempre homens violentos em casa, praticam agressão em outros espaços como no trabalho ou na rua. A violência doméstica está sustentada nas diferenças de poder atribuídos aos homens e mulheres pautados pelo gênero. A violência é um fenômeno multifacetado segundo Abramovay (2000) e Cavalcanti (2007), não se resume ao exercício da força bruta contra a integridade física de uma pessoa, vai além disso, sendo entendido como qualquer ação que agrida o bem-estar psíquico, emocional, simbólico ou patrimonial de pessoas ou grupos. A violência doméstica e familiar, por sua vez, é enquadrada enquanto uma modalidade específica da violência baseada nas relações de gênero, no âmbito da unidade doméstica, da família e em qualquer relação íntima de afeto entre o agressor e a mulher agredida.

A violência doméstica é complexa porque envolve intimidade e afeto utilizados como forma de manutenção do poder. Para Arendt (1985) a violência nada mais é que um sintoma da perda do poder. Para a autora, toda instituição política ou individual que em determinada circunstância percebe o poder que lhe é atribuído perder força, substitui esse atributo pela violência, tentando, por esse meio, restituir aquilo que em outros momentos lhe era atribuído de forma plena.

A centralidade do poder masculino na estrutura familiar é de longa data. Badinter (1985) realiza um estudo sobre a história da família ocidental e evidencia a autoridade paterna e marital sobre o conjunto dos integrantes da família que se sustentava na idealização religiosa, mas também política e filosófica, que alocava no homem o poder de julgar e punir os outros membros de maneira absoluta e incontestável. Pattenman (1993) analisa o casamento como a instituição que através de um contrato, legitima o direito da dominação masculina sexual, na medida em que o casamento cria um acesso sistemático dos homens aos corpos das mulheres. Estes estudos evidenciam que a constituição da masculinidade como autoridade nas relações conjugais é antiga, cujos traços, por mais avanços que as mulheres tenham conquistado no último século, ainda permeiam as relações de gênero contemporâneas.

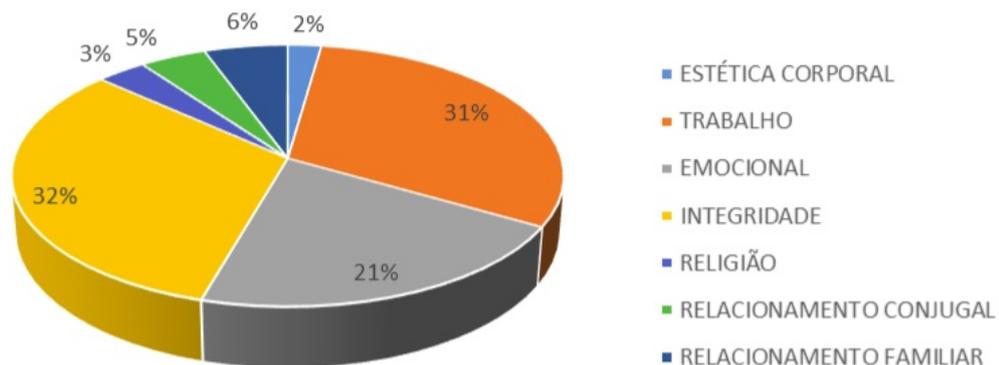
As relações generificadas que se estabelecem em todas as escalas espaciais

da sociedade patriarcal tem no espaço doméstico uma proteção a mais pelo fato de estarem protegidas do julgamento e da coerção da sociedade. O encontro conflituoso do casal heterossexual tem pautas de disputas e expectativas do desempenho dos ideais de homem e de mulher. As emoções que são deflagradas entre o casal são acionadas também pelo componente espacial. O espaço que se forma do encontro das trajetórias individuais está embebido de variações de afetações entre ambos, seja por determinada forma de olhar, pelas relações corpóreas e outras formas de interações que agenciam posições de poder e provocam determinadas ações, conforme argumentado por Hutta (2015). Assim, a violência doméstica não é apenas aquela que ocorre no local da residência entre parceiros afetivos, mas possui em sua dinâmica as expectativas e conflitos em torno de ideais hegemônicos de gênero.

### Ideais de Gênero Construídos por Homens Sentenciados por Violência Doméstica

Argumentamos na seção anterior que as masculinidades constituídas na violência doméstica são construções culturais que estão baseadas em modelos hegemônicos de gênero. As agressões se estabelecem espacialmente, tendo na domesticidade a permanência da ideia do poder masculino na estruturação familiar. As idealizações de gênero e a realidade da vida cotidiana estão em constantemente tensionamento, havendo a necessidade de desconstruir os modelos hegemônicos. Os homens condenados por violência doméstica possuem ideias sobre ser homem e ser mulher que pautam a forma como eles conduzem seus comportamentos cotidianos. Portanto, a compreensão de como eles concebem as relações de gênero em suas conjugalidades se faz necessário. O gráfico 1 evidencia os traços predominantes do imaginário do grupo de homens agressores sobre a masculinidade ideal, segundo suas perspectivas de realidade.

Gráfico 1 - Representação idealizada do ser homem



Fonte: Grupo de 19 homens condenados por violência doméstica, 2018.

Entre as características que o grupo compreende serem prioritárias no papel ideal do homem, as que mais aparecem estão relacionadas as categorias 'integridade' (32%), 'trabalho' (31%) e 'questões emocionais' (21%). As demais são o 'relacionamento familiar' (6%), 'relacionamento conjugal' (5%), 'religião' (3%) e 'estética corporal' (2%). Há uma predominância de três

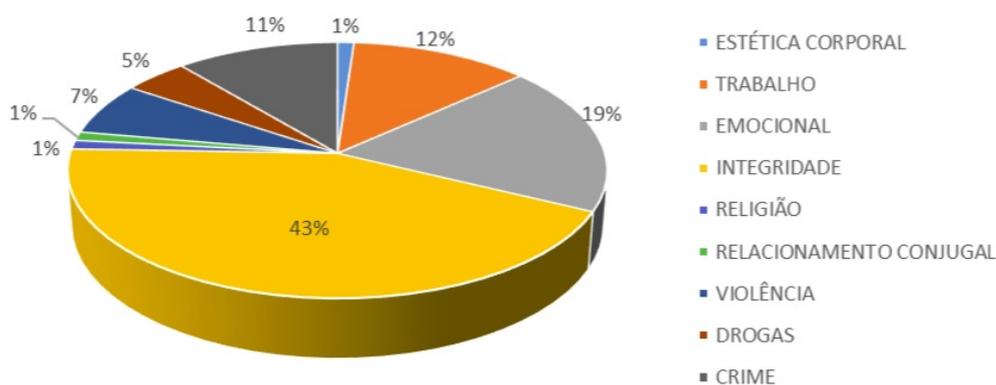
categorias: integridade, trabalho e emoção. O sentido da integridade para o grupo que participou da pesquisa é de que um homem deve ter palavra, ser responsável, ter caráter e ser justo. Um homem também deve ser trabalhador e capaz de prover sua família com dignidade. Além disso, deve ser emocionalmente estável, paciente, educado e respeitoso.

O ideal de masculinidade para estes homens agressores gira em torno da honra. Sousa (2010) afirma que a honra é pública. Ela não é da arena do espaço privado, mas supõe uma projeção do sujeito para além das relações familiares e o reconhecimento de seu valor na esfera pública, assim, cada sociedade terá uma significação própria de honra masculina. Pode se afirmar que genericamente a honra está associada a ter boa fama, um bom nome, ter distinção e dignidade. Entretanto, Sousa (2010) aponta que há a necessidade de reconhecimento social do ‘homem de bem’:

Como se pode perceber em sua definição genérica, um dos atributos da honra era o fato de ela ser pública. Não bastava ser honrado, era preciso que tal honra fosse reconhecida socialmente, era necessário que o bom nome e a fama fossem reconhecidos publicamente para terem valor.’ (SOUSA, 2010, p. 156-157)

Podemos observar que a construção da honra masculina a partir desta definição é elaborada pelo vínculo ao espaço público, característico da construção social e genericada que esta esfera foi criada em conjunto com a dicotomia do espaço privado. Interessante observar que as referências às questões de família, corporal ou relações conjugais são periféricas na construção do ideal de masculinidade que estes homens apontam. Quando eles constroem a ideia do modelo rejeitado de homem, há a referência ao antônimo das palavras utilizadas para construir o modelo ideal desejado, com poucas variações, como pode ser visto no gráfico 2.

Gráfico 2 – Representação reprovável do ser homem



Fonte: Grupo de 19 homens condenados por violência doméstica, 2018.

As categorias que se destacam são ‘integridade’ (43%), ‘questões emocionais’ (19%) e ‘trabalho’ (12%); acompanhadas na sequência por características ligadas ao ‘crime’ (11%), ‘religião’ (7%), ‘drogas’ (5%), ‘estética corporal’ (1%), ‘violência’ (1%) e ‘relacionamento conjugal’ (1%). Para este grupo, o modelo do homem que ‘não presta’ é o que não cumpre a

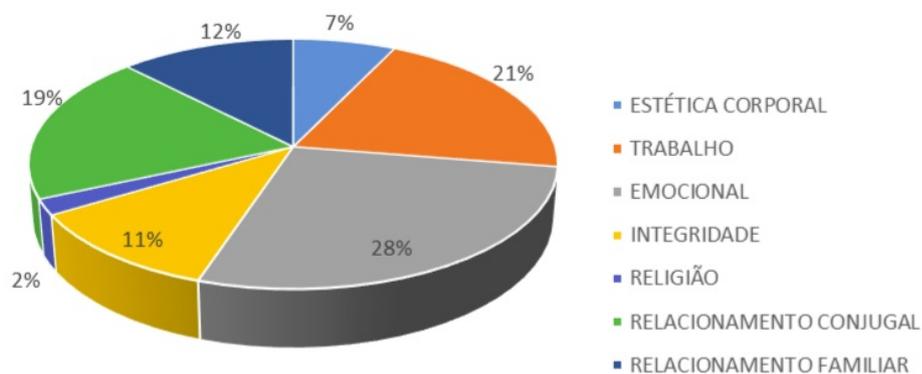
palavra, é mentiroso, irresponsável, sem caráter, desonesto, covarde e que não trabalha. O diferencial é que surgem categorias como envolvimento em atos criminosos e uso de drogas. Mesmo na categoria das emoções, o grupo traz traços como ser grosseiro, impaciente, mal-humorado e arrogante. Há uma única referência à palavra ‘machista’.

O gráfico 2 que apresenta o ideal de masculinidade negativa para este grupo, novamente faz referência à face pública. Mesmo quando se referem à violência, esta aparece mais relacionada a conflitos com outros homens e não propriamente à violência doméstica. São raras as características citadas que se referem à família ou às relações afetivas.

Como Connel (1995) observa, há masculinidades hegemônicas que se constituem de padrões sociais a serem alcançados. Contudo, as masculinidades se fazem no próprio exercício da vida e como considerado por McDowell (2001, 2002, 2007), os diferentes grupos de homens vivenciam masculinidades específicas. Para este grupo, a masculinidade idealizada não requer com grande intensidade traços de afeto, amor familiar, compreensão, mas ela se faz de aspectos individuais ligados a imagem que será refletida nos diferentes contextos dos espaços públicos. O ‘homem idealizado’ portanto é o do espaço público. Os atributos destacados pelo grupo caracteriza, o que seria para eles, o conjunto de fatores que constituem ou equivalem à masculinidade desejável e que, por mais que eles tenham interiorizado este padrão de gênero, conforme alerta Butler (2003), suas vivências desconstruem esse ideal de masculinidade, conforme visto por McDowell (2007).

Quando o grupo foi solicitado a escrever sobre as características que compunham o ideal de feminilidade, foi possível constatar que os elementos foram diferentes, embora componham as mesmas estruturas, para que pudessem ser comparáveis. O gráfico 3 ilustra os resultados sistematizados sobre o ideal feminino construído pelo grupo.

Gráfico 3 - Representação idealizada do ser mulher



Fonte: Grupo de 19 homens condenados por violência doméstica, 2018.

As categorias apresentam uma distribuição mais equilibrada entre elas quando comparadas com as categorias discursivas do ideal de masculinidade traçado pelo grupo. No ideal feminino estão ‘questões emocionais’ (28%), ‘trabalho’ (21%) e ‘relacionamento conjugal’ (19%) com pesos maiores. O ‘relacionamento familiar’ (12%), ‘integridade’ (11%), ‘estética corporal’ (7%)

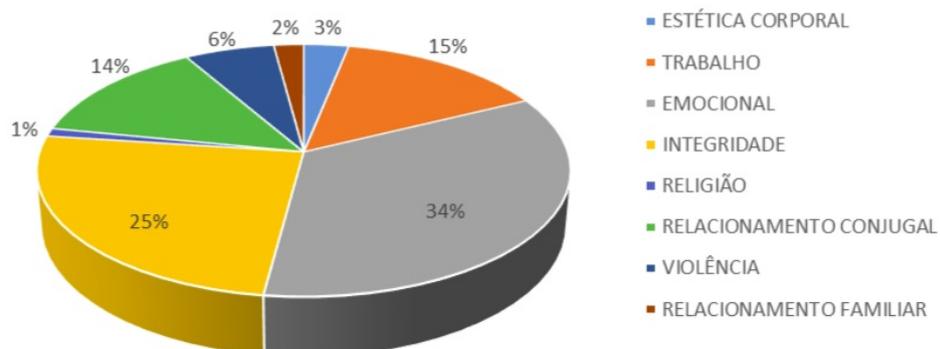
e a 'religião' (2%) aparecem com menores expressões. O ideal de feminilidade constituído pelo grupo de homens agressores é de uma mulher carinhosa, compreensiva, humilde, sincera, que seja trabalhadora, honesta, fiel e companheira. Consta-se que este ideal de mulher é sempre relativa às relações privadas do espaço doméstico e tendo como objeto da dedicação as relações conjugais e familiares. Até mesmo o conteúdo das categorias é distinto entre o ideal masculino e o ideal feminino. Para os homens, ser respeitoso, simpático, paciente e educado, são características que foram reunidas na categoria das emoções. Nessa mesma categoria, para as mulheres, as características são: carinhosa, amorosa, compreensiva, ou seja, a elaboração do ideal feminino é levando em consideração aquilo que ela pode oferecer ao seu companheiro, com traços do espaço privado com maiores proporções do que aquele visto nos casos das masculinidades.

O trabalho é outra categoria que diferencia o conteúdo quando se trata dos ideais de masculinidades e feminilidades. O trabalho dos homens está ligado à sua capacidade de prover a família e das mulheres no cuidado da casa e dos membros familiares. Essa constatação é reflexo da tradicional divisão sexual do trabalho, que associa a figura da mulher ao trabalho reprodutivo exercido no espaço doméstico, e do homem conecta a produção mercantil, duas esferas distintas e delimitadas a partir de uma construção simbólica de gênero.

A terceira categoria mais presente para as mulheres, 'relação conjugal', surge no caso masculino ocupando a quinta posição entre as características citadas. A manutenção da relação conjugal é uma responsabilidade atribuída às mulheres. Espera-se que a mulher tenha uma série de virtudes que a aproxime da figura de uma esposa fiel e que cumpra com as suas responsabilidades matrimoniais. Nesse sentido, as características que contribuem para uma imagem desejável e positiva da mulher pouco tem a ver com aquelas elencadas pelo grupo quando retratavam os homens. O que se espera do ser mulher é de que seja dócil, responsável por trabalhos relacionados ao lar e dos filhos e seja encarregada em manter os cuidados com as relações conjugais.

Quando solicitado ao grupo dos homens para traçar as características indesejáveis para o ideal de feminilidade, obtivemos o resultado que pode ser visualizado no gráfico 4.

Gráfico 4 - Representação reprovável do ser mulher

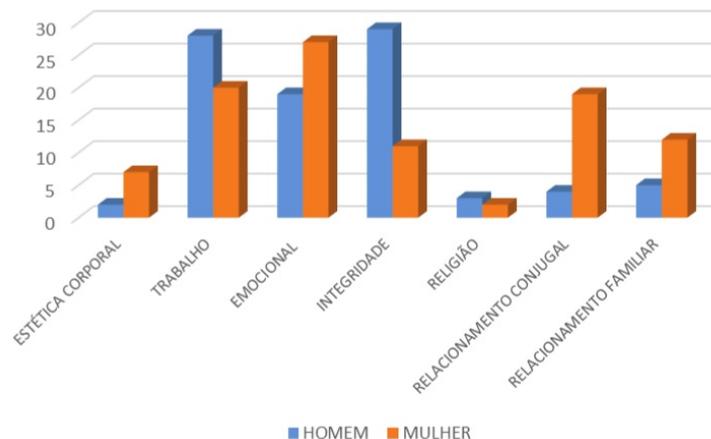


Fonte: Grupo de 19 homens condenados por violência doméstica, 2018.

As características colocadas pelo grupo enquanto reprováveis na figura da mulher tiveram maior peso entre as categorias ‘emocional’ (34%), ‘integridade’ (25%), ‘trabalho’ (15%) e ‘relacionamento conjugal’ (14%) como as mais presentes. Posteriormente a isso aparecem as categorias ‘violência’ (6%), ‘relacionamento familiar’ (2%), ‘estética corporal’ (3%) e ‘religião’ (1%). A feminilidade construída como rejeitada pelo grupo de homens agressores é da mulher que eles consideram mandona, arrogante, dramática, gananciosa, exibida, ciumenta e descontrolada no campo emocional, que é preguiçosa para trabalhar. A falta de integridade está relacionada a ser uma pessoa falsa e mentirosa, sendo que a relação conjugal está relacionada à infidelidade e não se fazer companheira de seu marido.

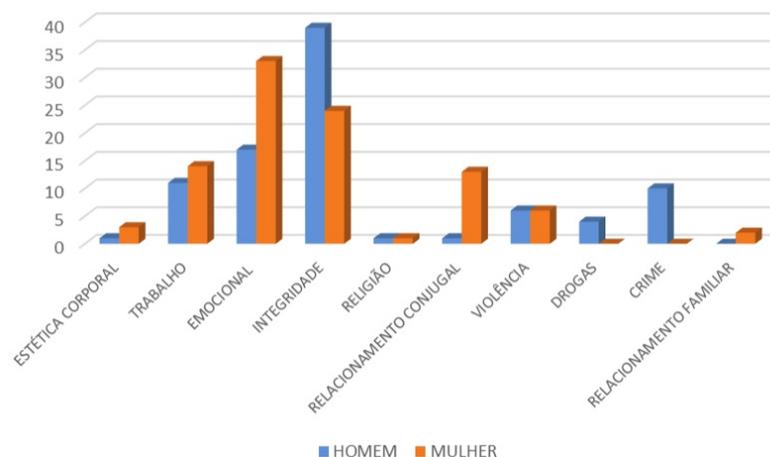
Aquilo que é julgado enquanto depreciável na idealização da figura feminina é muito mais amplo do que as características citadas para a mesma questão no caso dos homens. Ou seja, o leque de atitudes que ferem com a construção de uma honra feminina é muito maior e vulnerável do que a construída pelos homens, e por conta disso com maiores cobranças. Os gráficos 5 e 6 permitem uma melhor visualização da distribuição de categorias entre os ideais de feminilidades e masculinidades traçados pelo grupo, bem como os ideais de rejeição.

Gráfico 5 – Comparativo das representações idealizadas do ser homem e mulher



Fonte: Grupo de 19 homens condenados por violência doméstica, 2018.

Gráfico 4 - Representação reprovável do ser mulher



Fonte: Grupo de 19 homens condenados por violência doméstica, 2018.

Os gráficos permitem observar que há diferenças entre os ideais de masculinidades e feminilidades, além dos pesos colocados de maneira diferenciada entre cada categoria. No caso do ideal masculino aparece o homem provedor, trabalhador e educado, enquanto que se esperam da mulher as características ligadas à estética corporal, emocional e responsável pela manutenção familiar e conjugal. Durante o debate sobre a construção dos ideais de masculinidades e feminilidades, surgem as explicações do grupo em relação a deflagração de conflitos conjugais que geram a violência doméstica. Um dos participantes constrói sua explicação utilizando da ideia de que existe uma ‘essência natural correta’, mas que as relações contemporâneas estão fora desta ordem natural. Um dos homens do grupo diz o seguinte:

*Eu acho que o problema se iniciou pela necessidade. A família passou a ter mais despesas, a mulher precisava ajudar, aí começou a trabalhar. Eu estou falando de gênero, nós somos animais, racionais, mais somos [animais]. Existe o macho e existe a fêmea. Tem que haver alguma coisa que não saia do desrespeito. Um não é melhor que o outro, mais existe uma falta de lugar. Vários falaram aqui que a mulher é agressiva, que a mulher quer mandar. De fato, porque hoje a mulher está achando que o homem é ‘um bosta’, entre aspas né, não generalizando né, (...) o homem tinha que ter uma função dentro da família né, e a mulher outra dentro da família e não a mesma, na minha opinião né. O que está desagregando é isso. É preciso a mulher começar a tratar o homem de uma maneira melhor e o homem, por sua vez, por ser mais forte, deve proteger a família. (Trecho de fala de um dos homens do grupo realizado no dia 01/10/2018).*

Os argumentos em torno da justificativa de que há uma ordem natural que não está sendo obedecida é o elemento mais comum nas justificativas dos conflitos conjugais que envolvem a violência doméstica. Outro participante fala o seguinte:

*Tem a questão do cuidado pelo contexto que foi criado né. Normalmente se o homem se sentir um pouco mais protetor, ele quer zelar mais por essa instituição [referindo-se à relação conjugal]. Quando você pega e tira a mulher de dentro de casa [referindo-se à casa dos pais dela], você tem que ser o homem de casa. Às vezes essa instituição começa a ficar frágil, daí começa vir os problemas, independentemente da situação, mais a instituição fica frágil e os problemas começam aparecer. Aí que começa de fato os desafetos. Um dia, não é mais o problema em si, o problema é a fragilidade de instituição. Aí, quem é responsável por isso? Se os dois se ausentam, porque daí os dois têm o mesmo papel [referindo-se ao homem e mulher casados], aí acho que se desconstrói, se desconstrói e acaba. (Trecho de fala de um dos homens do grupo realizado no dia 01/10/2018).*

As falas dos homens do grupo direcionam para uma organização diferenciada entre os papéis de gênero tradicionalmente construídos, sendo que

na medida em que as mulheres passam a ocupar cargos diferentes daqueles que lhes eram impostos, a estrutura de poder se vê desestabilizada e os problemas, segundo os homens começam a surgir. Russel e Radford (1992) afirmam que o alto índice de violência praticado pelos homens contra a mulher é uma consequência da transgressão feita por ela dos limites definidos pelo patriarcado, ou seja, a passagem pela fronteira de controle aplicada sobre seu corpo e vivência, embasada por um sistema patriarcal e machista, pode lhe custar a vida. Para Arendt (1985), a violência é utilizada quando o sujeito ou instituição perde ou começa a perder o poder sobre o qual ele estava assegurado. Nas falas, a inversão daquilo que se espera dos homens e mulheres são interpretados enquanto uma ameaça à centralidade do poder masculino e por conta disso, um estopim para as deflagrações de violência conjugal.

Importante é observar que não há expressões por parte dos homens que participaram da pesquisa que sejam explícitas quanto à superioridade dos homens em relação às mulheres. Pelo contrário, para eles, homens e mulheres são apenas diferentes, sem hierarquias. Contudo, quando se constata os elementos do ‘homem ideal’ e da ‘mulher ideal’, pode-se afirmar que o homem possui o status de sujeito de sua própria existência e as mulheres devem ter suas vidas pautadas pela relação conjugal como o centro de sua existência. Assim, as relações de gênero que são levadas em consideração pelos homens nas sociedades conjugais, trazem direitos e deveres que além de distintos, potencializam o poder masculino sobre a vida das mulheres. As relações de gênero aparecem nos depoimentos como homens e mulheres sendo complementares entre si e que essa complementaridade é a ordem que mantém a realidade idealizada. O grupo parece manter ideias de gênero como cristalizadas e com dificuldades de compreender o movimento social que reorganiza as relações entre os sujeitos e o mercado de trabalho que produzem outras masculinidades e feminilidades diferentes daquelas construídas no passado.

### Considerações Finais

Este artigo analisou os diferentes significados de gênero construídos por homens envolvidos em violência doméstica na cidade de Ponta Grossa. O conjunto dos resultados apresentados permite afirmar que há uma idealização das masculinidades e feminilidades que estão sustentadas pela ideia de ‘ordem natural’ e que o rompimento desse ordenamento é um fator gerador dos conflitos conjugais que acabam produzindo a violência doméstica. A masculinidade desejada é do homem provedor e de autoridade moral, desejando uma mulher que viva uma feminilidade pautada pelas características de docilidade, acolhimento e de dependência moral de seu marido. Estes padrões hegemônicos de gênero estão na base dos conflitos que, por sua vez, deflagram a violência física que tem o espaço doméstico como escala privilegiada, fora do controle público. A casa, local de maior incidência dos conflitos violentos entre casais heterossexuais é multiescalar, composta de elementos de outras escalas, mas que o encontro de trajetórias lhe confere um sentido particular. Portanto, a violência sofrida pela mulher no espaço doméstico não está restrita a essa ordem, mas é resultante de uma estrutura

socialmente construída ao longo da história que potencializa esse local enquanto um núcleo de resolução de problemas familiares, que estruturado a partir de papéis tradicionais de gênero, potencializa a centralidade do homem e o seu papel em corrigir as ações que fogem da ordem patriarcal estabelecida hegemonicamente.

### Referências

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2000.

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BLUNT, Alison; DOWLING, Robyn Dowling. **Home**. London: Routledge, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. **Enfrentando a violência contra a mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

BRASIL. **Lei n. 11.340 de 07 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha)**. Disponível em: <[HTTP://WWW.PLANALTO.GOV.BR/CCIVIL\\_03/\\_ATO2004-2006/2006/LEI/L11340.HTM](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>. Acesso em 28/05/2019.

BRASIL. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil**: indicadores nacionais e estaduais. Brasília: Senado Federal. Observatório da Mulher Contra a Violência, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias. **Violência doméstica contra a**

**mulher no Brasil.** Análise da Lei “Maria da Penha”, nº 11.340/06. Salvador: Edições JusPODIVM, 2007.

CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. Espaço, vulnerabilidade e masculinidade de adolescentes em conflito com a lei. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Espaço, gênero & masculinidades plurais.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 55 - 124.

CONNEL, Robert. **Masculinities.** Berkeley: University Of California Press, 1995.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil.** Ministério da Justiça e Segurança Pública, Brasil, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** São Paulo: Edições Graal, 1988.

GOMES, Fernando. **“Cenas Embaçadas”: a relação entre as espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa, Paraná.** 2013. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa.

GOMES, Fernando. **Necropolíticas Espaciais e a Instituição de Masculinidades de Jovens Homens envolvidos na Violência Homicida na Cidade de Ponta Grossa, Paraná.** 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa.

HOPKINS, Peter E. Young people, masculinities, religion and race: new social geographies. **Progress in Human Geography**, v. 31, n. 2, p. 163 - 177, 2007.

hooks, bell. **Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics.** New York: Routledge, 2015.

HUTTA, Jan Simon. The affective life of semiotics. **Geographica Helvetica**, v. 70, n. 4, p. 295 – 309, 2015.

JACKSON, Peter. The cultural politics of masculinity: towards a social geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 16, n. 2, p. 199 - 213, 1991.

JACKSON, Peter. Black male: Advertising and the cultural politics of masculinity. **Gender, Place and Culture**, v. 1, n. 1, p. 49 – 60, 1994.

LAN, Diana. Género y violencia: una ostentación de género em cada concepto. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 121 – 136.

MASSEY, Doreen. **Space, Place, and Gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press Minneapolis, 1994.

MCDOWELL, Linda. **Gender, Identity and Place**. Cambridge: Polity, 1999.

MCDOWELL, Linda. Men, management and multiple masculinities in organisations. **Geoforum**, v. 32, n. 2, p. 181 -198, 2001.

MCDOWELL, Linda. Masculine discourses and dissonances: strutting 'lads', protest masculinity, and domestic respectability. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 20, n. 1, p. 97 – 119, 2002.

MCDOWELL, Linda. Respect, deference, respectability and place: What is the problem with/for working class boys? **Geoforum**, v. 38, n. 2, p. 276 – 286, 2007.

PATTEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1993.

PRZYBYSZ, Juliana. **Articulando os espaços público e privado: transformações das espacialidades vividas por mulheres responsáveis pelo domicílio, após a dissolução conjugal na cidade de Ponta Grossa – Paraná**. 2011. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

ROCHA, Heder Leandro. **"Espaço Espiado": O uso de crack como um elemento das espacialidades vivenciadas por adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa – PR**. 2013. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ROSE, Gillian. **Feminism & geography: the limits of geographical knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

ROSSI, Rodrigo. **Malucos da Quebrada: Territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana dos adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa, PR**. 2010. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

ROSSI, Rodrigo. **Masculinidades e interseccionalidade na vivência de territórios instituídos por adolescentes em conflito com a lei**. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. Espaço, gênero & masculinidades plurais. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p 125 - 191.

ROSSI, Rodrigo. **Espacialidade carcerária e a instituição de masculinidades entre homens jovens egressos em Ponta Grossa, Paraná**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia)- Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

RUSSEL, Diana; RADFORD, Jill. **Feminicide**: the politics of woman killing. New York: Twayne Pub., 1992.

SELLTIZ, Claire; WRIGHTSMAN Lawrence Samuel; COOK, Stuart Wellford. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1987.

SOUSA, Noelia Alves de. A honra dos 'homens de bem'. Uma análise da questão da honra masculina em Processos Criminais de Violência Contra Mulheres em Fortaleza (1920-1940). **MÉTIS: história & cultura**. v. 9, n. 18, p. 155 - 170, 2010.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

Recebido em 20 de outubro de 2020.

Aceito em 18 de dezembro de 2020.

**Dimas Diego Gontarek, Joseli Maria Silva**

